

## Sinobilino Pinheiro

---

Sua pessoa e sua época

JOSÉ VALDIVINO

Sinobilino Pinheiro Maia nasceu em Jaguaribe, na bacia do rio Jaguaribe. Veio à vida a 9 de setembro de 1916, e levou-o Deus, ainda tão moço, na noite de 6 de agosto de 1933, na via Fortaleza-Maranguape, precisamente na perigosa curva do Kágado (hoje, desaparecida), em consequência do desastre do automóvel (baratinha), em que viajava, junto com outros amigos. Ia a um grupo escolar, pronunciar palestra sobre o tema: “Nossa Senhora da Esperança”.

Ao sepultamento, um domingo, Fortaleza compareceu em peso, desde a Rua Visconde do Rio Branco (residência da família Dionísio Torres), até o cemitério de São João Batista.

Conheci-o desde o Colégio Cearense, onde fomos colegas, pela década de 30.

Atarracado, cabeça de prego caibral, para não fugir à espécie, de membros de aço, testa e olhos de criatura inteligente. E realmente o era: inteligentíssimo e estudioso, coração rico de boa vontade. Recordo-me que, de uma feita, confiei-lhe certo soneto de Afonso Celso, para declamar em uma sessão solene do Grêmio Literário José Alencar. Titubeou e perdeu-se, mas teve a presença de espírito de desculpar-se perante a assembléia, alegando falta de tempo de decorar o poema.

Mal se adivinhara que, naquele orador fracassado, estava o futuro orador de massas, o conferencista admirável, o poeta lírico-religioso, o professor de sólida cultura.

Nós, os moços de então, vivíamos entre o liberalismo político da República decadente e a reação indisfarçada da reação sócio-cultural do Integralismo e do Patrianovismo. Aquele — desejando a implantação do Estado Novo, em moldes integrais de governo. Este — mais moderado, porém mais radical, propagava a volta da Monarquia brasileira, em modernos figurinos.

Muito além, ainda — o comunismo. Havia os grandes movimentos, sob a orientação dos jovens oficiais Severino Sombra e Jeová Mota, sem esquecer o então Pe. Hélder Câmara, terrivelmente vibrante, e o operário Manuel dos Santos.

Sinobilino, sem negar-se aos princípios de patrianovista, deu pleno apoio à ação integralista, mais de acordo com seu espírito altamente combativo. Dava gosto ouvir Sinobilino doutrinando das areias, nas organizações literárias, nas reuniões religiosas, com aquela maneira de falar, numa linguagem fácil, num verbo eloqüente e vivo, nos aspectos de tribuno consumado.

Era incansável nas lutas. Alcançou o magistério do Liceu do Ceará. Sua cadeira — História — era para ele tribuna de eloqüência. Havia tempo, ainda, para secretariar o Colégio Cearense.

O registro fúnebre, com que alunas da Escola Normal lhe prantearam a memória, traz-lhe a fotografia, no supe-dâneo de uma coluna truncada, tendo ao lado a efígie de Nossa Senhora, com os dizeres: “Nossa Senhora da Esperança, rogai por nós. 9/12/1916, 6/8/1938”.

02 — Sinobilino publicou livros, ingressando, assim, na vida intelectual do Estado. O orador vulcânico, o jovem de linguagem vibrante e nobre, era também o poeta sentimental.

Daí, *Xerém*, em 1935, saído da Gráfica Urânia, em cuja obra se deparam bafejos de Cruz e Sousa e Augusto dos Anjos, bem como influência de Casimiro.

Há versos de caráter modernista e tradicional, predominando um suave lirismo:

*Bem por detrás daquela serra enorme,  
que a gente vê daqui — formosa serra —  
nessa noite de lua, humilde, dorme  
a minha amada e pequenina terra. (p. 59)*

No último terceto de “Quando?”, assim canta, dirigindo-se à Natureza:

*Quando é que abraçarás com luz e festa  
O sangue de teu sangue e a carne impura,  
— neta da dor e esposa do abandono? (p. 1)*

No coração de Sinobilino, jovem de renome, ótima postura social e moral, houve sempre um romance oculto, de vez em quando lembrado na sua poesia:

*Na verdade, Maria, estou doente,  
e eu sinto tão cruel esta doença,  
que chego, às vezes, a perder a crença  
no Deus que é bom, que é justo e onipotente.*

*Fragmentos* é outro livro de Sinó Pinheiro, saído da Ed. Fortaleza, 1936, com o subtítulo “Subsídios para a história de minha vida.” É um opúsculo de 35 páginas. É um discurso que pronunciou, como membro eleito para o Centro Cearense de Cultura. Ali estão os traçados de sua vida de rapaz vontadoso e cheio de coragem, dentro do processo sócio-político de seu tempo, após a revolução de 1930.

Aparecem, no contexto, Jackson de Figueiredo, nesse tempo, o centro polarizante da juventude renovadora, Pascal, Cruz e Sousa e a presença amorável da Igreja.

*Evangelização* é o terceiro livro de Sinobilino, aliás já póstumo, pois é de 1938, e veio à luz graças à generosidade do livreiro editor José Edésio de Albuquerque.

É livro com novo ritual poético, trazendo uma mensagem social envolta no sentido cristão que sempre o norteou. *Evangelização* baseia-se no Evangelho de São João: "... ainda tenho muitas coisas a dizer-vos, porém não as podeis compreender agora..."

E, realmente, muita coisa tinha a dizer-nos, pela sua inteligência, pela cultura, pela constante adaptação ao seu tempo.

Na "orelha" de *Xerém* anunciava: *Jagunço*, em preparo (romance); *Beco dos Pocinhos* (versos).

A morte, porém, calou-o...